

Tempo

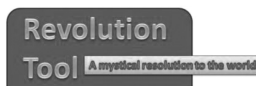
Os dias do Cavaleiro

Revolution

Tool | A mystical resolution to the world



Programa
Juventude
em Acção



Ficha Técnica

Título: "Tempo – Os Dias do Cavaleiro -" – Revolution Tool

Editado no âmbito do Projeto Revolution, suportado pelo Programa Juventude em Acção da União Europeia.

Obra da autoria de: Abraão Costa

Correção e Revisão Gráfica: Equipa Técnica da PASEC

Propriedade de:

Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sítio na internet – www.pasec.pt

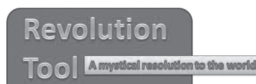
Email – pasec.geral@gmail.com – geral@pasec.pt

Depósito Legal n.º

Novembro 2013



Programa
Juventude
em Acção



Índice

A Revolução fez obra	6
Os Símbolos	9
Os Símbolos, o grupo e a nossa identidade	13
Simbologia Grupal, um método inovador	18
Simbologia Grupal, os momentos do Método	20
Primeiro Momento - Abordagem centrada no contexto	21
Segundo Momento – A Reflexão Simbólica no processo de tomada de decisão	23
Terceiro Momento – O Caminho Simbólico	28
Sinopse da Obra “Tempo: Os dias do Cavaleiro”	29



Programa
Juventude
em Acção

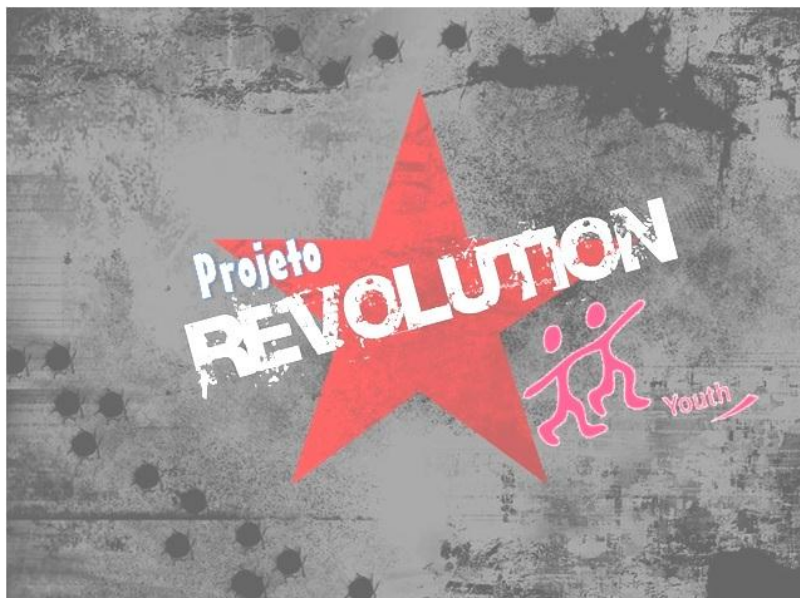


Revolution
Tool

A mythical resolution to the world

A Revolução fez obra

O projeto Revolution juntou Portugal, Itália, França e Polónia e propôs-se através do Teatro e Expressão Dramática refletir e fazer frente à crise política, económica e democrática europeia recordando e revivendo os grandes factos e



lições históricas das grandes crises europeias do passado e as revoluções e processos democráticos que se lhe seguiram, fazendo sobressair o papel dos jovens em cada uma delas.

Numa fase conturbada da construção europeia, este projeto assumiu também como prioridades as novas formas de fazer Democracia, colocando os jovens no centro do processo de formação, concretização e decisão da Democracia Participativa enquanto projeto pedagógico emancipador e gerador de novas oportunidades.

Assim, ao longo de 549 dias, chegando a mais de 300 jovens e 100 agentes educativos, pusemos em marcha a estrutura Round Table, várias Assembleias Revolution com carácter nacional e europeu e o programa "DemoAgents"



Programa
Juventude
em Acção



através de uma rede de núcleos juvenis denominados Espaços DemoActs (centros locais de inovação democrática que traçaram miniplanos de ação política pacíficos inspirados nos novos movimentos juvenis surgidos nos últimos anos como são o Movimento 15 Maio em Espanha ou o Geração à Rasca em Portugal).

Demos vida ao plano “New Revolutions”, fórum de educação não formal (ENF) com base em 4 Campos ENF e Recriação Histórica. Os jovens recriaram em formato de Teatro de Rua e Simbologia Grupal, 4 revoluções históricas: o 25 de Abril de 1974 em Portugal; a queda do regime comunista na Polónia em 1989; a revolução juvenil do Maio de 1968 em França; e os finais da II Guerra Mundial e a Queda de Mussolini em 1945 em Itália.

Realizamos também a iniciativa “Hall off Democracy”, o Plano “Little Big Democracy”, a Campanha “Democracia contra a Exclusão Social”, a Iniciativa “Revolution Store” e uma Plataforma Web em formato blog.

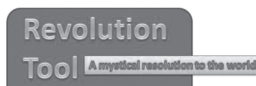
Para terminar foi lançada esta obra pedagógica que retrata as experiências pedagógicas do Revolution a partir das experiências dos jovens protagonistas do projeto. Elas são aqui recontadas em forma de um diário de um Cavaleiro e que agora serve como manual de reflexão, introspeção e meditação em grupo. O autor, o animador Abraão Costa, reorganizou a principais histórias e experiências vividas e uniu-as numa proposta pedagógica assente nos princípios dos métodos de Simbologia Grupal e Expressão Dramática.

Assim, o Plano de Ação do Revolution assentou em seis eixos de atuação muito concretos

- O Programa “Demo Agents”
- O Plano New Revolutions
- A iniciativa “Hall off Democracy” que em articulação com as outras ações do projeto deu a conhecer aos jovens destinatários do projeto a história e vida de agentes políticos locais e regionais de exceção que serviram de inspiração às comunidades locais. Nesta iniciativa contamos com os decisores políticos



Programa
Juventude
em Acção



locais dando a conhecer experiências políticas reais que serviram de inspiração para um envolvimento mais direto dos jovens no espectro político local e regional.

- O plano “Little Big Democracy” que foi também ele inspirado e articulado com o Programa “Demo Agents”, levando os jovens Demo Agents a criar miniplanos de ação política junto das crianças de escolas do 1º ciclo e Espaços ATL, incentivando a criação de DemoActs infantis que aproximassem as crianças dos órgãos de decisão política autárquica local e regional

- A campanha “Democracia contra a Exclusão Social” fez chegar o Revolution aos jovens em especial risco de exclusão e que se encontravam fora do raio de ação das Escolas, centros juvenis e parceiros envolvidos diretamente no projeto, com especial destaque para os jovens oriundos das comunidades Imigrantes dos PALOP. Demos sobretudo a o trabalho realizado pelos DemoActs.

- A iniciativa “Revolution Store” incluiu uma Loja Social e “Bolsa de oportunidades de Empregabilidade e formação profissional Juvenil” como resposta social direta a jovens desempregados ou em situação de pobreza declarada. Este programa foi extensível às suas famílias e deu particular importância a oportunidades geradas a partir do Serviço Voluntário Europeu.

Esta obra pedagógica traça as linhas gerais do método de Simbologia Grupal em articulação com as dinâmicas de reflexão, expressão dramática e expressão artística que serviram de base ao projeto. Depois segue-se uma obra de reflexão, meditação e debate para grupos juvenis a partir das histórias vividas pelos jovens protagonistas do projeto numa adaptação do Animador Abraão Costa.

Os Símbolos

Os “Símbolos” são uma presença oculta em todos os momentos e traços identitários importantes das nossas vidas. O significado do nosso nome, o objeto que simboliza um momento inesquecível, os ícones com que nos identificamos, as recordações que imortalizamos são símbolos do que somos, fomos e vamos ser.



Os símbolos são um tipo de linguagem que trazem, desde os tempos imemoriais, significações ocultas à nossa consciência. Utilizados sob a forma de pictogramas, anagramas e ícones, destinam-se a explicar o mundo e a facilitar a orientação. Condensam ideais complexos, relações cosmológicas e ideológicas, mas também são responsáveis por sociedades secretas.

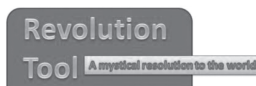
Enquanto muitos objetos do nosso passado, cheios de simbolismo, conservam a sua identidade até aos dias de hoje, outros vão perdendo o seu significado ao longo do tempo, caindo no esquecimento. Os símbolos remontam ao início, à criação do mundo. A verdade é que estes são um meio de interpretarmos os nossos antepassados e as pistas deixadas por estes.

Isto remonta-nos para um velho ditado “Uma imagem vale mais do que mil palavras”. A grande questão é: que palavras?

E aqui temos uma linha de pensamento curiosa e fascinante sobre os símbolos, que nos indica que um símbolo pode ter diversos significados e entre eles temos alguns exemplos:



Programa
Juventude
em Acção



- O tridente do Deus Grego Poseidon (Deus dos Mares) interpretado sozinho, é usual introduzi-lo como um símbolo do mal, a forquilha do diabo, mas neste contexto é um símbolo de poder.

- Numa escultura de um bebé a ser amamentado pela mãe, muita gente provavelmente iria dizer que é uma imagem cristã, na verdade é uma imagem egípcia do Deus Pagão Hórus a ser amamentado pela sua mãe Isis, séculos antes do nascimento de Cristo.

- O pentagrama enquanto símbolo pagão acredita-se ser um símbolo de adoração ao diabo mas a verdade é que o pentagrama é mais antigo do que isso. Entre os seus muitos significados, é um símbolo de Vénus, que representa a parte feminina de todas as coisas. A Deusa Divina.

Com estes exemplos conseguimos perceber a multiplicidade de conceitos que os símbolos possuem dependendo do contexto onde se encontram e mostramos o quão importante é conseguirmos perceber o passado para interpretarmos o nosso presente.

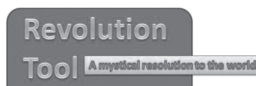
E agora perguntamos: mas entender o passado para que? Porque é através desta compreensão que vamos ser capazes de escrever a nossa história seja pessoal ou culturalmente. Porque é isso que nos define.

Mas existe um problema com os símbolos que muitos historiadores provavelmente não terão a resposta, que é: no meio de tantas interpretações e subjeções sobre os símbolos, como é que podemos estar certos daquilo que é uma distorção e daquilo que é a verdade original? Não sabemos. Apenas sabemos que é daí que nascem as crenças e provavelmente os mitos. Mitos sobre a criação e o fim do mundo, a destruição e a renovação, a guerra entre o bem e o mal e histórias de figuras divinas e heróicas.

Os símbolos são sinais ou signos, que simbolizam algo que é pensado, acreditado ou não perceptível como por exemplo grupos secretos ou ligações proibidas.



Programa
Juventude
em Acção



A Idade Média estava carregada de símbolos. Foram criados brasões, as tabernas e oficinas de artesãos eram assinalados com tabuletas e eram estes que determinavam hierarquias e selavam negócios.

Intimamente enraizado no mundo sensível, o símbolo, enquanto função operativa, permite estruturar as relações do Homem com tudo o que o rodeia numa dupla perspetiva semântica, que alia o sentido literal (sensível e material) ao sentido indireto, que, no plano de uma interpretação, apela à subjetividade.

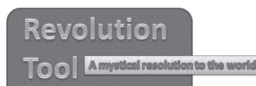
A relação do Homem com os símbolos é comprovada já nos tempos e modos de vida da antiguidade.

Os homens das cavernas comunicavam-se através dos símbolos, sendo esta uma das únicas formas de comunicarem aos seus descendentes, o que se fazia naquele tempo, como caçar, pescar, etc. Atualmente, o Homem é capaz de relatar como viviam os seus antepassados apenas porque estes deixaram desenhos (símbolos) feitos em pedras dentro e fora das cavernas onde residiam. Vendo por esse prisma, os símbolos serão um dos quebra-cabeças mais importantes para toda a humanidade.

A Simbologia evoluiu ao longo dos séculos sendo que para cada atividade humana, por vezes, um mesmo símbolo pode ter significados diferentes, dependendo da cultura em que está inserido. Como por exemplo o “Pentagrama” (estrela de 5 pontas) para cristãos (no começo do cristianismo) era considerado como a representação das cinco chagas de Jesus Cristo e também, usado para proteção contra os demónios. Já para o paganismo, mais especificamente na Wicca (religião neopagã fundamentada nos cultos da fertilidade que se originaram na Europa Antiga), acredita-se, que o pentagrama seja um símbolo elementar, sendo que cada uma das cinco pontas representa os elementos da Natureza: água, terra, fogo, ar, além de um quinto elemento, o espírito. Dentro da cultura chinesa o pentagrama representa os elementos terra, água, fogo, madeira e metal. Na maçonaria, por sua vez, a estrela de cinco pontas é considerada o símbolo do homem perfeito, no aspeto físico, emocional, mental, intuitivo e espiritual.



Programa
Juventude
em Acção



Algumas pessoas de tempos mais antigos acreditavam que as pedras eram moradas de espíritos, enquanto o budismo confere ao reino mineral uma certa consciência.

O Homem também se relaciona com os animais de forma simbólica. Por exemplo, as sociedades tribais utilizam as figuras animais como representação de diferentes estágios e comportamentos humanos. Os animais também aparecem nos pictogramas egípcios, nos mitos gregos, nas fantasias africanas e em sacrifícios. Surgem ainda nos antigos desenhos das cavernas, estabelecendo relações entre a imagem do animal e o seu equivalente atual/real, sugerindo uma certa projeção de um acontecimento: acredita-se que os antigos alvejavam a imagem do animal em rituais para garantir, através da antecipação simbólica do evento, o sucesso da caça.

Os símbolos, presentes na consciência como equivalentes do mundo atual/real (e vice-versa), intermedeiam a relação do Homem com a natureza, ao passo que este se distancia desta para melhor observá-la.

Os Símbolos, o grupo e a nossa identidade

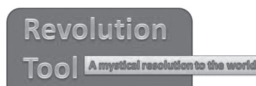
É no grupo de amigos que, enquanto crianças, adolescentes ou jovens, encontramos o nosso porto seguro, o alimento de alma que precisamos, a escapatória ao mundo vulgar que tememos. Mas é sobretudo quando somos adolescentes que o grupo se assume como o centro, como parte incontornável do nosso tempo, das nossas prioridades e espaço privilegiado de socialização e construção da personalidade.



Como forma de afirmação ou por mera necessidade, o adolescente constrói grande parte da sua identidade dentro de estruturas grupais orientadas nos mais variados sentidos. O adolescente recorre à identidade de grupo pelos mais variados fatores. Fâ-lo por uma necessidade de satisfazer as suas necessidades físicas, de segurança, sociais, de afirmação do eu e de autorrealização ou de atração interpessoal, de alcançar objetivos parciais ou grandes metas na vida que o grupo possibilita. Alia-se ao grupo para seguir um líder que oferece garantias de salvaguarda de determinados valores, de satisfação de interesses ou a simples esperança em alcançá-los. Ao mesmo tempo, espera encontrar uma série de atividades programadas ou programáveis em que se possa sentir satisfeito. A partir destas situações, faz



Programa
Juventude
em Acção



seus os objetivos do grupo com o qual se identifica. Através do grupo, dispõe de uma série de materiais e recursos que pode utilizar e conta, ao mesmo tempo, com a força e o prestígio do grupo, procurando que a sua identidade pessoal passe a afirmar-se através de uma identidade coletiva. O adolescente pode também recorrer ao grupo para realizar metas ou atividades que sozinho não consegue.

Os grupos partem, muitas vezes, de situações de amizade, sendo este o tipo de relação social que sustenta a organização grupal e lhe dá consistência.

Terry Faw entende que o grupo «é mais importante durante a adolescência do que qualquer outro estágio do desenvolvimento» (1981: 284) e justifica esse raciocínio com quatro pontos fundamentais, reforçando a perspetiva que adiantámos atrás. Primeiro, porque entende que o adolescente procura, durante o período da adolescência, a rutura com os laços que o ligam aos pais e à família para que possa conseguir o que deseja; segundo, porque argumenta que os relacionamentos são uma espécie de protótipos de relações adultas maduras, sendo, assim, um vasto campo de provas para o desenvolvimento das competências sociais adultas; terceiro, visto que o adolescente precisa de um confidente com quem possa falar a respeito das experiências que tem; quarta e final razão, porque entende que, embora estando numa fase de mudança acentuada, o adolescente busca estabilidade e o grupo pode corresponder a estas necessidades.

Os factos sociais, assim como os atores sociais, seja qual for a sua faixa etária, não podem ser interpretados de uma forma que não tenha em conta a relação com os seus contextos simbólicos e socioculturais. Cada jovem transporta em si redes de significados que foram construídas ao longo das suas trajetórias pessoais e sociais e que consubstanciam a representação que fazem do mundo que os rodeia e da sua identidade para si e para os outros. Segundo Jorge Vala «é precisamente a natureza das relações desenvolvidas entre os grupos que estrutura as suas representações ao mesmo tempo que elas se tornam retificadoras e antecipadoras dessas mesmas relações» (citado por Andrade, 2002: 257).

Quando um jovem forma um grupo, ele vai, em conjunto com os outros jovens, construir a partir da fonte dos seus passados, dos seus presentes e da projeção dos seus anseios, uma matriz simbólica que constituirá a cultura desse grupo. É esta cultura, fruto de choques e agregações, alianças das subculturas que cada um transporta que, a partir de um certo momento, virá a ser simultaneamente, estruturadora das relações que os une e estruturante da mesma na linha da dualidade ação/estrutura de que nos fala Giddens (1976: 121-122). Alguns autores designam esta cultura de «memória coletiva» que se vai construindo, estruturando e que serve de defesa face a embates exteriores bem como de suporte às inseguranças tanto sentidas individualmente como coletivamente.



Esta cultura comum «é um conjunto de regras, das quais algumas são múltiplas, a partir das quais os elementos do grupo conhecem as possibilidades que têm de construir a sua ação de forma a superar constrangimentos que surgem à ação do grupo.» (Andrade, 2002: 258)

É um pouco dentro desta perspetiva que surgem todo o tipo de grupos de jovens ligados aos mais diversos campos de interesse. Entre eles, surgem os grupos que se encontram ligados diretamente a causas, dependentes ou não de estruturas superiores organizadas, e que, com o argumento de quererem

mudar o meio envolvente, dão forma ao movimento juvenil oficial e informal potencialmente promotor de desenvolvimento local.

Um dos fatores essenciais na análise deste tipo de grupos é a liderança. Os elementos do grupo frequentemente entram em jogos de liderança para assumir o que designamos por “campos de oportunidade”. Por vezes, estão ligados a perfis de maior ‘autorização para a ação’, tornando-se ‘empreendedores sociais’, estrategas.



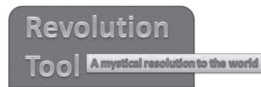
«Cada elemento é o centro, é o sujeito ator de onde partem e para onde convergem todos os processos organizacionais, autor e (re)produtor do seu próprio papel no decurso da ação. Esta é a teoria do ator estratégico (Crozier e Friedberg, 1997) que se consubstancia nesta realidade. É ele que é simultaneamente sujeito individual e coletivo, reunindo em cada instante as alianças, os jogos de

interesses individuais e coletivos e as estratégias. Ele, enquanto o todo, cria organização nas interações e ela ganha visibilidade através dela» (Andrade, 2002: 255).

Segundo a mesma autora, há conceitos a ter em conta nesta abordagem. «Por um lado, a heterogeneidade implícita ao grupo que comporta representações e



Programa
Juventude
em Acção



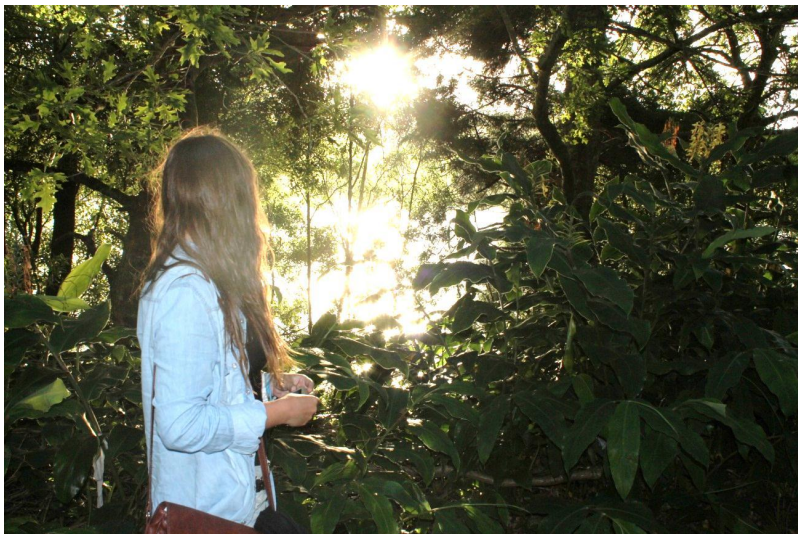
culturas ou subculturas pessoais e organizacionais diferentes e que consubstanciam um jogo de forças e de dominância no interior do grupo. Por outro, a homogeneidade tecida no interior do mesmo grupo por construção de uma subcultura organizacional permite a projeção de uma imagem – figura representacional – para fora e de dominância do grupo exteriormente.» (idem)

É neste jogo de identidades pessoais, do coletivo, do grupo e do contexto social onde atuam, e que constitui uma realidade tão complexa como a própria fase de adolescência, que residem os grandes constrangimentos mas também a força endógena impulsionadora de um grupo de jovens.

É dentro deste contexto que surge o Método de Simbologia Grupal como estratégia de formação e ação para grupos juvenis.

Simbologia Grupal, um método inovador

A Simbologia vista como um método de formação e ação grupal pode ser encarada em inúmeras perspetivas, assimilada de acordo com o contexto em questão ou até mesmo olhada apenas como um erro.



A visão que passamos a partilhar não passa disso mesmo, uma visão, uma proposta de trabalho com base nas nossas experiências e trabalho de campo. Como todas as propostas de trabalho tem potencialidades e debilidades inerentes ao próprio contexto em que possa vir a ser aplicada.

A Simbologia Grupal investe claramente em dinâmicas de grupo e técnicas de introspeção, partindo dos métodos participativos e ativos próprios da Pedagogia Participativa.

A Simbologia Grupal deve ser entendida como um processo que se estende no tempo enquanto método orientado, focalizado e adaptado ao grupo. Visa promover três vetores fundamentais da vida em grupo: a **promoção de lideranças democráticas**; a materialização de uma **organização grupal** com uma real distribuição de papéis por todos os elementos constituintes; as **tomadas de decisão**.



Programa
Juventude
em Acção



Revolution
Tool

A mystical resolution to the world

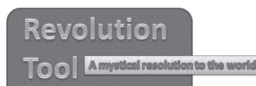
A Simbologia Grupal é um processo grupal, mas assume de forma clara uma dimensão individual de autodescoberta e investigação. O indivíduo não acompanha um processo, ele constrói o seu próprio processo, integrado no processo grupal. Procura perceber o seu potencial, as suas características inatas e adquiridas partindo da sua história de vida e das experiências que mais o marcaram.

Não tendo um esquema definitivo, o método de Simbologia Grupal é já em si flexível e dinâmico, adaptando-se às exigências e potencialidades do grupo alvo, sempre alicerçado nos valores da liberdade, solidariedade, democracia, procurando cimentar o compromisso do indivíduo com o seu grupo.





Programa
Juventude
em Acção



Simbologia Grupal, os momentos do Método

Partindo do modelo de animação promotor do protagonismo juvenil preconizado pela PASEC, situamos a implementação do método de Simbologia Grupal em quatro momentos diferentes. Na elaboração desta proposta tivemos em conta algumas premissas que nos parecem essenciais:

- Que fosse um modelo simples, capaz de ser entendido e analisado por qualquer Animador, independentemente da sua formação de base ou académica;
- Que o modelo de intervenção fosse flexível, capaz de se enquadrar nos mais diversos contextos, mas sem perder a sua raiz identitária (partir das potencialidades dos sujeitos, enquanto indivíduos e enquanto grupo);
- Que não tivesse uma escala de tempo definida, respeitando o ritmo do grupo em questão, tendo por base processos participados e democraticamente orientados;
- Que colocasse no centro os elementos do grupo como atores construtores do seu próprio processo de produção e construção de saber;
- Que se baseasse nas características particulares e únicas de cada grupo privilegiando três vetores fundamentais: a construção da identidade do grupo, a coesão grupal e o processo de tomadas de decisão grupal orientado para a ação;
- Que privilegiasse as vivências e experiências dos elementos da equipa.

Primeiro Momento - Abordagem centrada no contexto

Os processos de interação grupal têm por base as relações que se estabelecem no seio do grupo. São elas que condicionam, potenciam e redimensionam a participação e a ação de um grupo.

Sendo estas bases relacionais o principal sustentáculo da estrutura grupal, mais do que compreendê-las e aceitá-las, o Animador deve fazer parte delas. Ele não só está com o grupo, como é parte integrante do mesmo.

Nesta primeira fase – abordagem centrada no contexto – o Animador procura enquadrar-se e integrar-se na estrutura grupal, respeitando o percurso da própria equipa, sem estabelecer condições ou pré-requisitos.

Mas há um problema. Como é que o fazemos?

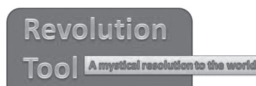


Para esta fase não há receitas, técnicas milagrosas. Propomos, antes, uma atitude de predisposição por parte do “Animador pessoa” para estar, ouvir, tentar aprender o que o grupo tem para dar, “sendo mais um no seio do todo”.

O Animador não espera pelo grupo, antecipa-se a este, vai ao seu encontro, procura perceber a “vida em grupo” em todas as suas dimensões. Ele faz uma



Programa
Juventude
em Acção



abordagem centrada no contexto, nas suas especificidades, assumindo uma atitude de Observador Participante.

É importante que o Animador perceba como é determinante esta fase. Sem bases sólidas do ponto de vista relacional, as concretizações futuras serão, no mínimo, obtusas. Não há uma escala de tempo que possamos determinar para esta fase, existem, antes, ritmos que o próprio grupo gere de forma natural e que o Animador absorve e assimila como seus.

Com uma base relacional consolidada, tendo por base o percurso do grupo, o Animador começa a situar a sua área de influência, tendo agora dados para proceder ao seu primeiro diagnóstico e assim evoluir da função de Observador para Ator.

Esta função de Ator deve ser entendida pelo Animador como o momento em que o grupo o reconhece como um membro do próprio grupo, atribuindo-lhe um papel. É o grupo, os seus elementos, quem validam e reconhecem o Animador como parte do contexto e lhe dão a oportunidade de poder intervir perante o mesmo, nunca o contrário.

Nesta fase, o Animador dá particular incidência ao aprofundamento das relações com as lideranças naturais da estrutura grupal, por serem estes os primeiros protagonistas das redes de comunicação interna do grupo. Num processo de abertura do grupo ao exterior, os líderes são os principais facilitadores de uma dinâmica de abertura e expansão do contexto endógeno em relação ao contexto exógeno.

Numa etapa mais avançada, embora ainda inserida neste primeiro momento, o Animador procurará que o grupo, a partir de um processo auto reflexivo, alimente e aprofunde a sua matriz identitária, de modo a potenciar futuros planos de ação.

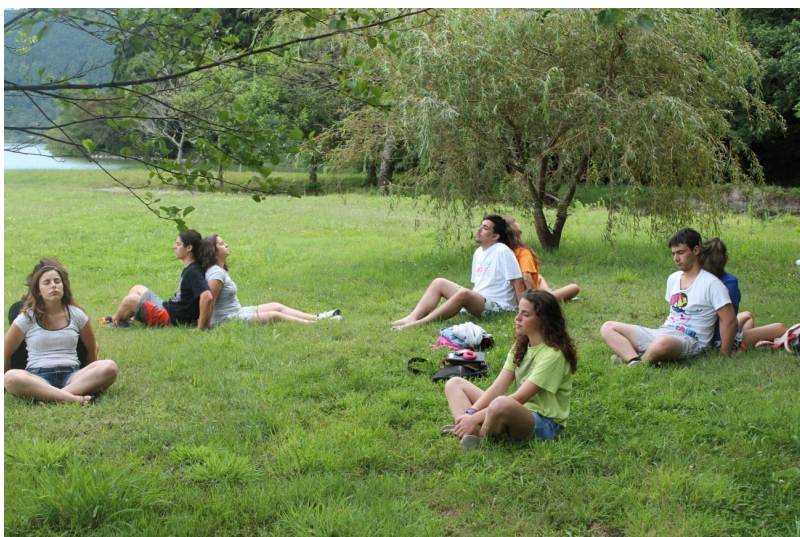
Segundo Momento – A Reflexão Simbólica no processo de tomada de decisão

Integrado no seio da estrutura grupal, o Animador procura agora que o grupo expanda o seu campo de ação e desenvolva hábitos de reflexão e intervenção conscientes recorrendo a elementos simbólicos.

O Animador procurará desencadear um processo de reflexão simbólica interna que visa reforçar a identidade do grupo, melhorar os canais de comunicação internos, intensificar as relações e desenvolver a organização grupal.

Entre outros momentos que, de forma natural, possam surgir, o Animador propõe três momentos:

- **Momentos de introspeção particulares** ou em grupo que permitam a cada um perceber em que símbolos se reconhece. Os símbolos podem ser cores, animais, elementos naturais, astros, ícones. Não importa o alinhamento do símbolo, importa que cada um se consiga rever nas qualidades, defeitos e



características do símbolo que identifica como sendo o que mais se aproxima da sua personalidade.

Este tipo de momentos incluem um diagnóstico prévio por parte de cada elemento do grupo (com ou sem suporte do animador) partindo de investigações pessoais, conversas com pessoas com quem se identifica, leituras variadas, visionamento de filmes, etc. Cada um deve procurar perceber o símbolo que mais o define aprofundando-o e refletindo-o através de suportes sólidos, com base num processo de investigação coerente e autêntico. Esta investigação, nesta fase, não deve incluir elementos do grupo.

Depois deste processo inicial o Animador alimentará a procura do símbolo com momentos de introspeção recorrendo a técnicas como o Deserto (reflexão pessoal a partir de perguntas chave ou guião pré determinado em local adequado, de preferência em meio natural apelativo e silencioso), a Meditação com o suporte de melodias apropriadas, Jogos de Orientação que possam ser executados solitariamente, entre outros.



De acrescentar que neste, como em todos os outros momentos, não existe uma escala temporal predefinida. O ritmo de cada um deve ser respeitado.

- **Momento de Recolhimento Grupal** em que cada um, consciente da sua orientação simbólica pessoal, partilha com o grupo a sua opção e as motivações e justificações da mesma.

Neste momento, recorrendo a dinâmicas de grupo orientadas pelo animador, cada um partilha todo o caminho que percorreu até escolher o símbolo, as dúvidas que sentiu, as várias fases por que passou, os sentimentos por detrás da escolha. Ver-se-á entretanto confrontado com a opinião dos restantes elementos do grupo, as concordâncias e discordâncias face à sua escolha.

- **Momento de Interpretação Simbólica** é uma fase que passa sobretudo pelo



trabalho de esclarecimento do Animador perante os elementos do grupo acerca de cada um dos símbolos propostos. Ele procurará todos os tipos de suporte que lhe permitam ter uma visão mais global aprofundada do símbolo que cada um escolheu, a qual partilhará com o grupo dando a cada um, uma perspetiva “menos apaixonada” sobre as opções simbólicas que tomaram.

Este momento visa estabelecer um equilíbrio entre a visão “sentida” e

as características reais do símbolo em questão, para que a perspetiva que



Programa
Juventude
em Acção



cada um assume em relação ao símbolo escolhido seja a mais harmoniosa possível de acordo com as características da personalidade de cada um.

Sugerimos que estes dois últimos momentos que propomos sejam realizados em contexto externo ao ambiente natural do grupo, sobretudo através de atividades como acampamentos, acantonamentos ou campos de formação realizados apenas com elementos do grupo. É importante que estes sejam momentos de comunhão íntima do grupo, preservando-o ao máximo face às influências exteriores.

Estes três momentos que propomos podem ser complementados por outros, mas eles servem sobretudo para que cada um, no seio do grupo, tome consciência do seu processo de tomada de decisão pessoal e de que forma o grupo pode ter influência neste processo. Mais do que um processo de construção de identidade pessoal e grupal, este é um processo que visa clarificar as potencialidades, debilidades e dons pessoais e de que forma é que estes se podem ver refletidos na ação real do dia-a-dia, fortalecendo e aclarando o papel social de cada um.

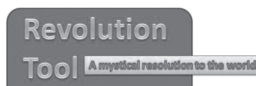
Um aspeto relevante a ter em conta é o facto de alguns dos elementos do grupo poderem não acompanhar este processo. Tendo em conta que este é um processo reflexivo livre e sem ritmos predefinidos, devem ser respeitados todos os elementos do grupo que, por um motivo ou por outro, não aderem ao processo ou se limitam a uma observação participante.

Durante esta fase o grupo continua a trabalhar e aprofundar a sua dimensão simbólica global traduzida no nome do grupo, regras internas, organização estrutural, bandeira, música, entre outras. A Simbologia não se limita à vivência simbólica de cada um dos seus elementos.

É fundamental ter presente que o processo de aprendizagem e maturação do grupo na tomada de consciência em relação às suas próprias potencialidades e qualidades é natural, devendo ser genuíno e validado pelos próprios elementos da equipa.



Programa
Juventude
em Acção



Sendo assim, deixando o grupo partir dos seus próprios interesses, o Animador deve levar os elementos do grupo a proporem o seu próprio plano de ação com base em todas as reflexões simbólicas elaboradas. Neste sentido, ele tem em conta duas premissas essenciais colocadas sob a forma de questões:

- a) – O plano de ação proposto valoriza o papel particular de cada indivíduo, tendo em conta o contributo que um determinado elemento pode e pretende dar para a ação no concreto?
- b) - Respeita, no essencial, as decisões do grupo por muito estranhas e desenquadradas que possam ser?

O Animador tem presente que o seu objetivo último, nesta fase, é deixar que sejam os próprios elementos do grupo a perceber o alcance das suas potencialidades, decisões e ações, sejam elas atuações individuais ou em equipa.

Assim, o grupo dá corpo à sua identidade propondo o seu plano de ação.

Terceiro Momento – O Caminho Simbólico

O Caminho Simbólico, mais que um momento, personifica a “ junção metamórfica” de todos os outros momentos anteriores com base no plano de ação traçado pelo grupo. O Caminho Simbólico é tudo e nada, é o que o grupo quiser, o que o grupo fizer dele.



Quando o grupo já se encontra em processo de maturação e afirmação da sua identidade, a Simbologia Grupal e os instrumentos reflexivos gerados a partir desta são apenas parte do alimento de regeneração permanente da motivação de estar e viver em grupo. A escolha dos temas, instrumentos e dinâmicas que alimentam essa reflexão são nesta fase uma responsabilidade partilhada por todos.

Seguem-se no manual seguinte “Tempo: Os Dias do Cavaleiro”, algumas propostas em forma obra de reflexão, meditação e debate para grupos a partir das histórias vividas por jovens que puseram em prática este método nos seus grupos (envolvidos no projeto Revolution), numa adaptação do Animador e Autor Abraão Costa.

Sinopse da Obra “Tempo: Os dias do Cavaleiro”

Época de 3980. A Humanidade como nós a conhecemos cessou. A nova existência humana não se recorda do que ficou para trás. Nas entrelinhas do tempo contam-se histórias sobre a “Guerra do Mito”, o grande conflito que deu origem ao fim da velha era.



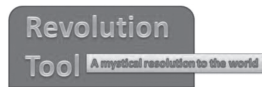
Um grupo de homens bons redige a sangue um novo início num escrito a que daria o nome de Livro dos Elementos. Este grupo de homens predestinados daria forma à Velha Ordem do Livro dos Elementos que por sua vez faria nascer uma nova Ordem que mudaria para sempre a existência de todas as regiões conhecidas, a Ordem dos Cavaleiros do Poder.

Entre esses Cavaleiros surge um, sem nome, perdido no seu tempo, a quem se perdeu o rasto e de quem nunca se soube o nome. Um dia é descoberto o seu diário simbólico e através dele o conhecimento de uma Humanidade quase irreal.

Este Cavaleiro que completava 33 épocas anuais, vivia em Ethérnia, um pequeno vilarejo ancestral. Era Mestre Aprendiz na Ordem dos Cavaleiros do Poder.



Programa
Juventude
em Acção



Em Tempo: Os dias do Cavaleiro, este guerreiro sem nome, procura o que os escolhidos chamam de “caminho simbólico”, desvenda as leis e ensinamentos do Livro dos Elementos, traça o seu caminho da redenção, desvenda o mistério do amor que salvará a Humanidade e retrata uma sociedade que olhando para si era incapaz de se ver. Sem nunca o dizer, o cavaleiro sem nome percebeu que “Um dia vi-te e percebi que era eu”...

